

LUPO, Lucas. **Le Colombe dello Scettico: riflessioni di Nietzsche sulla coscienza negli anni 1880-1888**. Pisa: Edizioni ETS, 2007, 267 p.<sup>1</sup>

**Laura Elizia Haubert<sup>2</sup>**

A pesquisa de pós-doutorado transformada em livro intitulada "*Le Colombe dello Scettico: riflessioni di Nietzsche sulla coscienza negli anni 1880-1888*" (As pombas do cético: reflexões de Nietzsche sobre a consciência nos anos de 1880-1888) buscou suprir uma das lacunas na pesquisa de Nietzsche ao tratar do tema da consciência durante a fase intermediária e tardia do filósofo alemão – de 1880 a 1888. Desenvolvida por Luca Lupo – professor assistente na Universidade da Calábria, Itália – e publicada em 2007, a obra merece destaque por sua coragem ao embrenhar-se nas sendas do pensamento de Nietzsche, em uma temática até então pouco abordada. A ausência de maiores comentários sobre o assunto é lembrada na introdução, onde o autor explica que o reconhecimento da existência de reflexões sobre a consciência “não autoriza automaticamente a falar de uma teoria própria e verdadeira, muito menos autoriza a fazer a identificação de uma coerência em tal constelação” (LUPO, 2007, p.17).

Se, por um lado, não é possível falar de uma teoria própria a respeito da consciência, por outro, o assunto despertou o interesse do filósofo alemão. De fato, Nietzsche apresenta problematizações esparsas sobre tal tópico em sua obra publicada, contudo, o mesmo não pode ser dito se analisarmos seus fragmentos póstumos, dado que eles nos revelam as abundantes e constantes anotações sobre o assunto nos cadernos nietzschianos. Estes fragmentos podem, no entender de Lupo (2007), funcionar como uma bússola que permite mapear o desenvolvimento do conceito de consciência e suas transformações. Lupo (2007, p.20) considera os fragmentos como um local no qual seria possível adentrar a “oficina do autor”, uma vez que deixa “referências aos materiais de construção, as fontes [...]”.

Cabe observar, ainda, o método adotado por Lupo (2007) ao desenvolver a pesquisa. Primeiro, ele recupera o apelo de Nietzsche ao valor da boa leitura, que implica em um modo lento e cuidadoso de entender os escritos, realizando uma espécie de “ruminação”. Em segundo lugar, ele parte de aforismos relevantes e conhecidos entre estudiosos, como o 16 de *Além do Bem e do Mal* e o 354 de *A Gaia Ciência*, para ir complementando com as reflexões presentes nos fragmentos póstumos.

<sup>1</sup> Sem tradução no Brasil. Todas as citações foram traduzidas livremente pela autora.

<sup>2</sup> Mestranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), membro do Grupo de Pesquisa das Origens da Filosofia Contemporânea. Bolsista CNPq. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: eliziahaubert@gmail.com.

A estrutura da obra não decorre de modo cronológico; o autor salta entre os anos de 1880 a 1888<sup>3</sup>. Lupo (2007, p.28) adverte o leitor que em seu livro o que está presente é uma “estrutura circular: abre com um exame do ‘impulso de causalidade’ (*Ursachentrieb*) apresentado no Crepúsculo dos Ídolos em 1888 e termina por rever a mais recente reflexão crítica do filósofo sobre a noção tradicional de consciência”.

A pesquisa se organiza em quatro grandes capítulos: 1) Impulso; 2) Estados Internos; 3) Consciência; e 4) No espelho das palavras. Nestes, Lupo desvela a compreensão de Nietzsche a respeito das funções psíquicas superiores, dando especial atenção para a forma da consciência.

No primeiro capítulo – “Impulso” – Lupo analisa a primeira parte do *Crepúsculo dos Ídolos*, no qual Nietzsche salienta os erros e limites da metafísica no campo da psicologia e da teoria do conhecimento, relendo o que intitulou de “faculdades superiores”, à luz, agora, da fisiologia.<sup>4</sup> Com isso, o filósofo oferece um vislumbre sobre as razões e o como da experiência consciente surgir no homem. A consciência estaria, então, relacionada a uma forma específica de pulsão, denominada *Ursachentrieb*<sup>5</sup>.

Com efeito, o impulso é uma temática essencial em Nietzsche, uma vez que o mundo, como é percebido, não passa do resultado da elaboração por meio de um processo de pluralidades nos quais os impulsos se tornam centrais e dos quais não se está consciente. A própria noção de impulso – *Trieb* –, então, passa a ser objeto de análise do comentador, bem como a distinção terminológica que Nietzsche realiza entre a pulsão e o instinto – *Instinkt*.<sup>6</sup>

Assim, focado nos anos 1880, Lupo (2007, p.29) investiga e discute, ao longo de uma análise textual do período, de que modo a pulsão faz emergir a consciência. Isto é possível porque, como ele mesmo destacou, “aquilo que parece à consciência causa da percepção já é, na realidade, um efeito dos processos de elaboração dos estímulos”. A consciência reflexiva,

---

<sup>3</sup> Para o autor, Nietzsche explora o tema da consciência repetidamente entre os anos de 1880 a 1888, sendo que boa parte de suas anotações e aforismos publicados remontam aos anos de 1884 e 1885.

<sup>4</sup> Na obra de Nietzsche desde os anos 1880 a fisiologia atua como uma orientação materialista em sua filosofia. Nietzsche, desde a juventude, estava familiarizado com escritos médicos e fisiológicos, e já sua teoria da metáfora e da tragédia possuem características fisiológicas. Suas principais influências são os escritos de Lange, Roux e Helmholtz. A fisiologia passa a ser uma chave utilizada para interpretar o mundo, sendo que o filósofo chega a nomear a si mesmo como um filósofo experimental. A fisiologia permite que Nietzsche supere a divisão entre alma e corpo, ao tomá-la como fio condutor para análise do corpo, que é o fenômeno mais rico e esclarecedor.

<sup>5</sup> O tema da pulsão – *Trieb* – foi explorado largamente no pensamento filosófico de Nietzsche pelos comentadores. O que se destaca na pesquisa de Lupo é sua análise da *Ursachentrieb*, uma vez que como ele mesmo ressaltou sobre esse termo: “O termo, utilizado somente no Crepúsculo, revela-se de primeira importância” (LUPO, 2007, p.29).

<sup>6</sup> O uso dos termos *Instinkt* e *Trieb* parecem terem sido alternados possuindo o mesmo sentido em suas primeiras obras. Já, no ano de 1888, alguns comentadores defendem que há uma distinção entre estes termos, sendo o *Trieb* um instinto que fora organizado ou descarregado de modo específico, ao contrário do *Instinkt*.

que foi canonizada pela tradição metafísica, seria, assim, precedida por uma “consciência” anterior e orgânica que nos é oculta. O inconsciente seria o responsável por construir o terreno no qual a consciência reflexiva atua.

O segundo capítulo – “Estados Internos” – começa com uma análise sobre a divisão entre estado interno e externo, e a crítica de Nietzsche a estes. Para o filósofo alemão, tal divisão seria uma simplificação rígida que não dava conta da complexidade do fenômeno tratado, especialmente, quando refletimos sobre o que seriam atos de sentir, pensar e querer<sup>7</sup>. Sobre estes não se sabe nada a respeito, porque as palavras são denominações vagas e insuficientes. Contudo, como esclarece Lupo (2007, p.30), “o caminho da pesquisa não deve ser abandonado e, se não for possível explicar totalmente os fenômenos, ainda é possível descrevê-los”.

A respeito desses três fenômenos, Lupo (2007, p.89) destaca que “a identificação do sentir-pensar-querer com a atividade do corpo é um momento decisivo na reflexão nietzschiana sobre a mente [...]”. Essa identificação articulada nos moldes da filosofia de Nietzsche apresenta cada uma dessas funções e suas respectivas atividades transformadoras e falsificadoras: o sentir falsificando, o querer falsificando e o pensar falsificando<sup>8</sup>.

Destas três funções, a mais complexa de ser conhecida, e mais problemática, apresenta-se sob a forma do querer. Isto sucede porque não existe uma faculdade do querer em sentindo tradicional, ou seja, como a vontade de um sujeito. Segundo Lupo (2007), a vontade seria em Nietzsche uma atividade, um processo, isto é, uma relação de interação entre uma parte de um organismo que obedece e outra que comanda. Com efeito, a relação entre comando e obediência é parte significativa da questão. Porém, ela não é a última instância do problema, uma vez que sua existência pressupõe a possibilidade de comunicação. Entra, assim, em evidência, a linguagem.

No final do segundo capítulo, Lupo (2007) se volta, então, para a análise dos excertos de Nietzsche que tratam de um sistema de signos utilizado no âmbito da interação entre diferentes instâncias do organismo, entre o que é consciente e o que é inconsciente, e de que

---

<sup>7</sup> Assim como Lupo (2007, p.85), que destacou anteriormente que havia um nível de consciência que antecedia a consciência propriamente racional, estrutura semelhante está presente nesta segunda discussão: “Nietzsche lança a hipótese da existência de um pensar, sentir e querer propriamente pulsional-corpóreo ao qual corresponde e é subordinado um pensar, sentir-querer ‘superiores’ [...]”.

<sup>8</sup> A tese da falsificação diz respeito a uma leitura, aceita por grande parte dos intérpretes de Nietzsche, de que a experiência do mundo que o homem tem é errônea e distorcida – uma simplificação e abreviação (cf. GC 354) –, ou seja, é falsificada devido à linguagem e à consciência. Nietzsche apresenta tal hipótese em alguns momentos ao longo de sua obra, para alguns exemplos cf. A 115; GC 111; BM 4.

modo a linguagem age como um sistema de tradução de multiplicidades em um elemento único coeso.

No terceiro capítulo – “Consciência” –, Lupo (2007) realiza uma leitura pontual dos principais textos e fragmentos sobre o tema da consciência. Assim, o autor retorna aos fragmentos do ano 1881 que, segundo ele, culminaram no famoso aforismo 354 de *A Gaia Ciência*, que, dentre seus textos publicados, é, sem dúvida, o mais significativo no que tange à temática abordada. Neste, Nietzsche ressalta a continuidade entre a dimensão animal e consciente, entre a origem da consciência e a necessidade de interação comunicativa, e de que forma a linguagem e a consciência interagem.

Lupo (2007) analisa, ainda nesse capítulo, outros aforismos, como o 119 de *Aurora* e o 11 de *A Gaia Ciência*, nos quais o tema da consciência reaparece no formato de uma relação com a linguagem e a comunicação, em um âmbito que é também fisiológico e biológico. De fato, Nietzsche parece realocar o problema para longe da esfera metafísica, em contraposição ao modo de abordagem corrente na tradição<sup>9</sup>.

Lupo (2007, p.152) destaca que a consciência em Nietzsche é entendida como um instrumento, um órgão que atuaria como ferramenta, mas para o qual o filósofo não postula nenhuma função específica, nenhuma hipótese precisa sobre seu papel. Nas palavras do intérprete: “parece que a especificidade da consciência reside propriamente no fato de que ainda não tem funções definidas, que não serve a nada em particular”

O comentador se dedica, no extenso capítulo, a esclarecer, sobretudo a partir dos fragmentos que embasam os textos publicados, o que é a consciência e como, para Nietzsche, consciente e inconsciente atuam de modo semelhante ao realizarem a mesma tarefa: operando, incansáveis, para enfrentar os múltiplos estímulos, assimilando, transformando e simplificando as sensações individuais. A diferença é que o inconsciente desempenha a atividade em um nível que não se torna perceptível ao intelecto.

Além destes conceitos, Nietzsche opera ainda com a diferença fundamental entre a consciência humana e não humana. Como explica Lupo (2007, p.175), “outro elemento fundamental que distingue a consciência não humana da consciência humana é o uso da linguagem pelo homem como não limitado à comunicação”. O uso reflexivo, e não meramente comunicativo, é o que marca a autoconsciência típica do ser humano na compreensão nietzschiana.

---

<sup>9</sup> Como Lupo (2007, p.32) lembra aos leitores: “Visto mais de perto, quando o filósofo critica a consciência tem sempre e mente como alvo a consciência idealizada da tradição metafísica, a consciência como substância”.

A relação entre linguagem e consciência é justamente o objeto de estudo do quarto capítulo – “No espelho das palavras”. No já referido aforismo 354, Nietzsche entende a consciência como uma superfície que é representada pelo seu poder de comunicação. A linguagem seria um limite extremo da consciência. Esse extremo se encontra com o problema da sociedade – da vida gregária do ser humano – e da despersonalização do eu. Ou, ainda com o próprio fato de que para o filósofo germânico não há um 'eu' cartesiano que atue como sujeito agente nos moldes da tradição<sup>10</sup>.

Assim, como desvela Lupo, a questão da consciência na filosofia de Nietzsche abarca uma série de temas: sua crítica ao sujeito se transforma em uma crítica à metafísica e à tradição, destacando a importância para o apelo biológico da consciência que atua como ferramenta de sobrevivência no animal humano. O italiano nota ainda que a crítica nietzschiana, tanto à linguagem quanto ao sujeito, se radicaliza nos apontamentos dos anos 1887 e 1888<sup>11</sup>.

Para Nietzsche, o que os demais filósofos parecem não ter observado é a veia prática por trás deste conceito de consciência. Tanto a linguagem quanto a consciência, como ressalta Lupo, estão dispostas por funções biológicas e práticas de sobrevivência. “O conhecimento que depende deles e se desenvolve é sempre um conhecimento para a vida, orientado a resolver problemas de sobrevivência e de expansão da vida”, afirma o intérprete (2007, p.234).

Com efeito, observa-se que Lupo se esforçou por percorrer os diferentes caminhos que conduziram Nietzsche ao tema da consciência, e buscou reunir, ao final do capítulo, o modo como os problemas se interceptam e dialogam entre si no pensamento do filósofo. E, principalmente, como, a despeito de sua clareza em perceber a superficialidade da linguagem e da consciência, o próprio filósofo não consegue se desvencilhar delas, trabalhando a partir de uma perspectiva de jogo com o problema.

---

<sup>10</sup> A respeito disso, esclarece Lupo (2007, p.34): “a consciência como eu, como sujeito agente de fato, não existe e não pode ser conhecida; essa é mais uma superfície que sempre se transforma, uma configuração pulsional móvel. A consciência como ‘sujeito’, como ‘eu’, não pode autoconhecer-se dado que é fronteira, superfície, limite e espelho: no mesmo sentido em que Wittgenstein afirma que o olho não pertence ao campo visual, mas representa seu limite”.

<sup>11</sup> Para Lupo (2007, p.230), por exemplo: “A crítica do conhecimento como auto-observação representa um momento da crítica radical mais geral à tradição metafísica de Descartes e Kant. A ideia de fundo expressa por Nietzsche é que não se deve deixar enganar pela atitude criticista de Kant: a ideia kantiana de uma faculdade cognoscente que critica a si mesma é simplesmente uma evolução da metafísica cartesiana do sujeito forte; a pesquisa das condições transcendentais se revela do ponto de vista teórico um tipo de *petitio principii*: quem de fato deveria criticar algo? O criticismo representa uma forma de desonestidade e presunção filosófica, no momento que a) pressupõe um sujeito que a conduz e b) sustenta a reivindicação que uma ‘faculdade’ cognoscitiva possa criticar a si mesma”.

Em suma, o livro de Lupo (2007) é importante, em primeiro lugar, pelo assunto que trata, que ainda carece de mais investigações, e, em segundo, pela agudez com que analisa os fragmentos póstumos de Nietzsche em sua interação com a obra publicada. Ainda que Lupo reconheça que não possuem o mesmo valor dos livros publicados em vida pelo filósofo, as anotações nietzschianas são sem dúvida uma chave importante para o entendimento dos caminhos e modos de seu pensamento.